

O MEDO DOS ANIMAIS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA DE ASSOMBRAÇÃO
THE FEAR OF ANIMALS IN THE INDIGENOUS CHILDREN'S LITERATURE OF ASSOMBRAÇÃO

Alex Viana Pereira (UFPR)¹

Maria Evany do Nascimento (UEA)²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar brevemente o medo dos animais na literatura infantojuvenil indígena de assombração. Para tanto, foram selecionadas duas narrativas míticas: *As makukáwas*, presente no livro *Contos da floresta* (2012); e *Yaguarãbóia: a mulher onça* (2013), ambas recontadas por Yaguarê Yamã, escritor indígena pertencente aos povos Maraguá e Saterê-mawé do Amazonas. As narrativas em questão unem medo e encanto, emoções estéticas que colaboram com a fruição da literatura impressa de autoria indígena. Além disso, o medo se mostra, principalmente no enfrentamento de personagens humanas e não humanas em espaços considerados sagrados como o mundo das florestas. Como aporte teórico tem-se Ramos (2008), Krüger (2011), Correia (2019), Sicsú (2019), entre outros de igual relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil indígena; Animais; Medo; Yaguarê Yamã; Amazonas.

ABSTRACT: The objective of this work is to briefly analyze the fear of animals in the indigenous children's and youth literature about haunting. For that, two narratives were selected: *As makukáwas*, present in the book *Contos da Floresta* (2012); and *Yaguarãbóia: a mulher onça* (2013), both retold by Yaguarê Yamã, an indigenous writer belonging to the Maraguá and Saterê-mawé people of Amazonas. The narratives in question unite fear and enchantment, aesthetic emotions that collaborate with the enjoyment of printed literature by indigenous authorship. In addition, fear is shown, mainly, in the confrontation of human and non-human characters in spaces considered sacred as the world of forests. As a theoretical contribution, Ramos (2008), Krüger (2011), Correia (2019), Sicsú (2019), among others of equal relevance.

KEYWORDS: Indigenous children's literature; Animals; Fear; Yaguarê Yamã; Amazonas.

INTRODUÇÃO

No imaginário amazônico os animais sempre ocuparam um lugar de destaque, principalmente os considerados encantados e visajentos³ responsáveis, por exemplo, por avisar e advertir os seres humanos quanto ao cuidado com a flora e a fauna. Nesse sentido, é comum encontrar representações desses seres sobre-humanos nas narrativas de origem de diferentes

¹Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: alexviana742@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/7646256412619667>

²Professora na Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: mednascimento@uea.edu.br <http://lattes.cnpq.br/1578488589056350>

³No contexto amazônico, esse termo se refere a aparições e assombrações.

povos indígenas que vivem no território amazônico e possuem uma relação mútua com a natureza.

Em uma visão geral, trata-se de animais extraordinários que se metamorfoseiam, transcendem seu espaço natural e apresentam inúmeras simbologias e saberes que fascinam e amedrontam. Além disso, possuem suas próprias organizações e ditam, por exemplo, a vida na selva e nas profundezas dos rios e lagos.

Vale enfatizar que as histórias dos encantados e visajentos estão correlacionadas às tradições orais dos povos originários, e com a ascensão da literatura indígena contemporânea brasileira estão sendo fixadas no suporte livro por autores/as indígenas preocupados em garantir que os conhecimentos sobre esses entes sagrados não se percam com o tempo e a morte dos anciões que são os principais responsáveis por repassar esses saberes para os mais jovens das aldeias.

Um desses escritores engajados com esse trabalho é Yaguarê Yamã que, apesar de pouco conhecido, possui aproximadamente 35 livros publicados e vem se destacando como um dos principais expoentes da literatura infantojuvenil indígena produzida no Amazonas.

Nascido em 1973, na região do Baixo Amazonas, Yamã é filho do povo Maraguá por parte de mãe e descendente do povo Saterê-Mawé por parte de pai, etnias culturalmente conhecidas pelas suas histórias de medo e mistério. Ainda muito jovem, o autor saiu de sua comunidade e foi para Parintins/AM, onde cursou o Ensino Fundamental. Fez o Ensino Médio em Manaus e formou-se em Geografia na Universidade de Santo Amaro – UNISA, em São Paulo, onde morou por seis anos.

Ao longo desse período, estudou, lecionou no ensino público e deu palestras sobre a temática indígena e meio ambiente. Em 2001, por incentivo dos seus amigos escritores indígenas Daniel Munduruku e Renê Kithãulu, publicou pela editora Peirópolis seu primeiro livro intitulado *Puratig: o remo sagrado*. Além de escritor, Yamã é artista plástico, ilustrador e ativista pelo Movimento Indígena Brasileiro - MIB, no qual um de seus instrumentos de resistência é a literatura.

Em outras palavras, para os escritores/as que fazem parte desse movimento literário, a literatura tem se tornado uma importante arma de autoafirmação, luta, conscientização e autorrepresentação contra os preconceitos e estereótipos impostos pela sociedade hegemônica sobre as primeiras culturas do Brasil.

Em suas pesquisas, Almeida (1999) e Graça Graúna (2013), duas importantes pesquisadoras do movimento literário indígena no país, destacam que a supremacia da produção de literatura indígena está com a região norte. No Estado do Amazonas, por exemplo, o escritor

indígena Yaguarê Yamã é um dos que mais se sobressai, tendo conquistado com suas obras prêmios nacionais e internacionais, assim afirmando a qualidade estética de seus textos literários.

A literatura indígena tem como uma de suas principais características mostrar a identidade e os aspectos culturais de determinado povo. Sabendo disso, Yaguarê Yamã utiliza-se dos mitos, crenças, fábulas, lendas, costumes, bem como sua vivência na aldeia, a relação intrínseca com a natureza e os animais considerados sagrados pelo seu povo para escrever suas narrativas que muitas vezes envolvem o medo, suspense e acontecimentos estranhos, características que estimulam o imaginário e encantam leitores de todas as idades.

Diante disso, a proposta deste artigo é apresentar brevemente alguns aspectos dessas histórias de assombração, medo e encanto recontadas por Yaguarê Yamã, que não são o mito propriamente dito, mas adaptações que apresentam como personagens os animais mitológicos, monstruosos e considerados agourentos, que dentro da cultura indígena suscitam diversos significados que causam um verdadeiro “frio na espinha”.

LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA DE ASSOMBRAÇÃO

O povo Maraguá têm em sua mitologia uma rica e vasta cultura de histórias de assombração. Nestas narrativas, o que predomina é o medo, o suspense, o mistério e o encanto diante de seres míticos monstruosos, animais que se transformam em seres humanos e vice-versa, entidades cujos corpos se aproximam do ser humano e castigam os desavisados, espaços sagrados e amaldiçoados e animais extraordinários ou propensos a manifestações de visagens, que ao serem transpostos para o suporte livro por Yaguarê Yamã, acabam marcando o caráter imaginoso de suas obras.

Para Sosa (1978), o caráter imaginoso é traduzido em mitos, aparições da Antiguidade, nos monstros ou realidade dos tempos modernos; exposto em formas expressivas como as lendas, contos, fábulas, etc; descrito com beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem. Elementos que encantam as crianças e jovens, mas também os adultos, pois como elucida Lúcia Góes (1984), a literatura infantil, é antes de tudo literatura, isto é, mensagem de arte, fruição, beleza e emoção.

O medo arraigado ao suspense e mistério é elemento basilar para o encanto e imaginário na literatura indígena de assombração. Ademais, colaboram para isso, os espaços de florestas virgens, vastas e sombrias e os labirintos de rios que escondem seres tão enigmáticos e desconhecidos quanto os que estão nos centros das selvas e beiram a fantasmagoria. Essa

assertiva nos remete a conhecida afirmativa de Lovecraft (1987, p. 1) que diz: “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”. Entretanto, é importante esclarecer que no entendimento de mundo das sociedades indígenas amazônicas esses seres são reais e conhecidos, por isso temidos e respeitados.

A grandiosidade do espaço amazônico alimenta um imaginário que atravessa o tempo, pois acomodam histórias outrora transmitidas através da oralidade de geração a geração, que agora chegam ao suporte livro e encantam não só os indígenas, mas também os leitores “brancos”. São histórias que mesmo depois de arquivadas, continuam vivas tanto na memória, quanto no imaginário e expressões do dia a dia dos povos Maraguá e Saterê-mawé, por exemplo. Teresa Colomer (2017) lembra que essa é uma das principais funções da literatura infantil e juvenil, isto é, abrir a porta do imaginário humano através da literatura. Trata-se de narrativas provenientes das mitologias fixadas no coração das sociedades indígenas que justificam acontecimentos, advertências e outros fatos que fazem parte da vida cotidiana das populações amazônicas (Costa, 2016).

Vale frisar que o medo nas narrativas indígenas de assombração não surge apenas com a manifestação de seres sobrenaturais, mas com o gigantismo e ações “estranhas” e admiráveis de muitos animais que despertam o imaginário do homem amazônico que, conseqüentemente, acaba associando esses bichos a acontecimentos insólitos (Sicsú, 2019). Segundo Oliveira (2014, p. 10), “o medo que cerca alguns animais é um reflexo dos modos de construção cultural dos indivíduos e de algumas culturas”.

Na cultura dos povos indígenas amazônicos é comum, por exemplo, o medo de animais como a respeitada Cobra Grande (jiboia e sucuri) que desenha os rios e lagos; o boto que encanta suas vítimas e as leva para as profundezas dos rios, também conhecidas como encantadas⁴; a onça, o veado; e pássaros considerados funestos, como o urutau, makukawa, tincuçã, bacurau, coruja, entre outras espécies de bichos tidos como encantados e visajentos que alimentam o imaginário da população dessa região e aparecem frequentemente nas obras de Yaguarê Yamã.

Correia (2019) esclarece que, os seres que habitam a cultura nativa, são muitas vezes chamados de maravilhosos por sujeitos participantes da cultura de matriz ocidental, o que não se aplica às sociedades indígenas, pois do seu ponto de vista, essa não é uma denominação

⁴ De acordo com o pesquisador Paes Loureiro (2015), as encantarias, ou encante, é um lugar no fundo do rio onde moram os encantados, os mitos, os deuses e símbolos religiosos da Amazônia, ou seja, é uma espécie de limbo onde as entidades da diversificada teogonia amazônica se reúnem desde sua origem. As encantarias estariam localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios.

adequada para os espíritos dos ancestrais, os seres sagrados e em metamorfose, as plantas poderosas que falam e curam, os animais que dialogam com os humanos e os ensinam técnicas fundamentais para a alimentação, etc. Contudo, Correia (2019, p. 15) também acrescenta:

Há que se reconhecer, entretanto, que quando tais seres são deslocados de sua realidade ontológica e adentram a tessitura ficcional de narrativas literárias, quando são relidos, recriados, apropriados e transfigurados e mudam de território, migram para a literatura, tornam-se tributários da ficção e transformam-se em personagens.

Esse acaba sendo, portanto, um dos motivos que fazem a literatura infantojuvenil indígena de Yaguarê Yamã também se atrelar a linha híbrida da literatura que, conforme Coelho (2010), parte do real e, nele, introduz o imaginário e a fantasia, anulando os limites entre um e o outro, o que acaba encantando leitores de todas as idades.

A seguir, nota-se que o medo é visível nas narrativas indígenas de assombração de Yaguarê Yamã e se mostra, principalmente no enfrentamento entre as personagens humanas e não humanas em espaços sagrados como o mundo das florestas.

AS HISTÓRIAS DE MEDO DO POVO MARAGUÁ

No conto *As makukáwas* incluído na obra *Contos da floresta* (2012), de Yaguarê Yamã, o ser mítico e monstruoso surge no espaço da narrativa amedrontando e advertindo àqueles que ousam desrespeitar as leis da natureza. Esse é um dos principais motivos que enfurece os guardiões da floresta e os levam a tomar atitudes “de arrepiar”.

A narrativa revela que, certa vez, um homem saiu para caçar e matou muitas makukáwas, bem além do que necessitava para se alimentar. Chegando em casa, pediu para a sua mulher prepará-los para o jantar. A mulher, cansada e com preguiça reclamou, desejando ao menos ter alguém para ajudá-la. A cena seguinte mostra a personagem depenando as aves e pedindo ajuda do tipuã que cantava distante, na floresta, como se pode observar, no excerto:

Nesse momento, um pássaro tipuã começou a cantar bem longe na floresta: tipuã, tipuã... A mulher, incomodada com o canto do pássaro disse: - Ah, tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando; viria me ajudar a fazer essa janta. Passados alguns minutos, em frente à porta da casa apareceu um homem alto, forte, mas com pés de pássaro, iguais aos do tipuã. Ele foi para a cozinha, pegou as makukáwas do jirau com brutalidade e começou a depená-las com avidez. Assustada com o estranho, a mulher olhou para os pés dele. Teve mais medo ainda, ao perceber que eram pés de pássaro. Pensou: “Como pode? Isso não existe. Um homem com pés de pássaro! Além do mais, com grande agilidade para depenar makukáwas!” O homem não precisava nem mergulhar as aves na água quente. Mesmo enxutas, as makukáwas eram depenadas uma por uma (Yamã, 2012, p.20-21).

No fragmento, o ser sobre-humano que desperta medo nas personagens é o Makukawaguá, uma espécie de espírito protetor do pássaro makukáwa que, segundo a religião Urutópiãg, dos Maraguá e Satarê-Mawé, é um dos bichos-visajentos – “animal suscetível as artimanhas dos espíritos maus” (Yamã, 2004, p. 90) – da Amazônia. Além disso, pode-se observar que o tincuã (ou tipuã em língua Maraguá) também aparece na narrativa e colabora para a atmosfera de medo e mistério, pois de acordo com essas etnias é uma ave que representa agouro, isto é, anuncia a chegada do mal, como verifica-se no mito.

Na literatura infantojuvenil, Sicsú (2019) diz que os animais são uma constante e contribuem para criar uma ponte entre o verismo e a fantasia. Nas narrativas indígenas, ora eles aparecem como adjuvante ora como vilões. Nessa direção, Ana Maria Ramos em seu estudo intitulado *Os monstros e a literatura para a infância e juventude* traz a seguinte explicação sobre a inerência dos monstros com os animais:

Os próprios animais conhecidos do homem, pela sua extraordinária variedade e quantidade, além de vários simbolismos com os quais estão conotados, são alvo de tratamento frequente no universo artístico e literário, percorrendo diferentes escolas e tendências. Os animais fantásticos, que também acabam por dar origem aos monstros, resultam, muitas vezes, da composição dos animais conhecidos ou da estranheza e do desconhecimento destes (Ramos, 2008, p. 5).

No ponto de vista de Krüger (2011), isso acontece porque as sociedades indígenas amazônicas criam os mitos a partir da observação da realidade que os circunda, assim os indígenas reproduzem, junto à tópicos identificáveis em todas as mitologias, algumas situações específicas do meio natural em que vivem. Assim, os seres míticos e monstruosos amazônicos da literatura infantojuvenil indígena de assombração são criados inspirados (ou relacionados) na grandiosidade e características enigmáticas dos animais dessa região. É o que ocorre, por exemplo, em *As makukáwas*: “Passados alguns minutos, em frente à porta da casa apareceu um homem alto, forte, mas com pés de pássaro, iguais aos do tipuã” (Yamã, 2012, p. 20).

Nas páginas seguintes, o ser sobre-humano segue assombrando o lugar, dizendo a mulher que quer jantar com eles, por isso atendeu o pedido de ajuda feito ao tipuã, que cantava distante, na mata. Ela, por sua vez, tenta preparar o jantar o mais rápido possível para se livrar do visajento, porém, nesse meio tempo, situações estranhas continuam ocorrendo e causando ainda mais medo na personagem, como é notório, no trecho a seguir da narrativa:

A mulher já estava nervosa, começou a abanar incessantemente o fogo. Abanou e assoprou tanto, que encheu a casa de fumaça. Mas deu um vento forte e desfez a fumaça no mesmo instante. Quando a mulher olhou, o estranho havia sumido. (...)

Então, a mulher voltou para a cozinha e ficou vigiando a comida. No que se abaixou para abanar o fogo embaixo da panela, sentiu um grande arrepio. Virou-se e viu o homem sentado lá novamente, como antes. Com muito medo, ela continuou a abanar o fogo, mas sem deixar de olhar para o estranho (Yamã, 2012, p. 21-22).

Nesse sentido, o que “é ‘estranho’ é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar” (Freud, 1919, p. 3). Assim sendo, subtende-se que mesmo a mulher maraguá conhecendo as histórias desse ser visajento, ela nunca havia se deparado com um no plano físico, por isso ficou tão impactada com a sua manifestação. Entretanto, vale lembrar que Lovecraft (1987, p. 3) já alertava: “[...] o mundo do desconhecido será sempre um mundo de ameaças e funestas possibilidades”.

Em seguida, o estranho que, “na verdade, era o bicho protetor da floresta – Makukawaguá, pai dos pássaros makukáwas” (Yamã, 2012, p. 24), esclarece porque apareceu na casa do casal para assombrá-los: “- Vou lhes avisar. E que isso sirva de lição para vocês. As makukáwas são bichos visajentos e não podem ser mortas aos montes, por uma só pessoa. Se isso acontece, venho em visita e assombro o caçador” (p. 24). Por derradeiro, o sobre-humano se dirige, especificamente, à mulher e diz:

Quanto à senhora, preste atenção na hora de pedir ajuda. Não fale bobagem, chamando quem não conhece. As mães-da-floresta são vingativas e não toleram gente tola. Se instigarem os espíritos da floresta novamente, volto para matar vocês. Ao fim dos avisos, o estranho levantou e saiu para o terreiro da casa. Ali, tomou a sua forma verdadeira: um homem com cabeça de pássaro e asas negras. Alçou voo e sumiu na escuridão da noite (Yamã, 2012, p. 24-25).

No excerto, além da metamorfose que é muito comum nas mitologias indígenas e na literatura fantástica (Roas, 2014), o trecho acima nos leva ao encontro dos estudos de Cohem (2000, p. 27), que esclarece: “o monstrem é, etimologicamente, ‘aquele que revela’, ‘aquele que adverte’, um glifo em busca de um hierofante”. Nesse contexto, verifica-se na narrativa que, por meio da manifestação do ser visajento, há ainda forte alusão aos perigos que a floresta pode oferecer e a importância de se preservar a natureza, um tema muito comum nas obras infantojuvenis indígenas.

O monstro, portanto, é aquele que não aceita que o espaço sagrado da natureza e os animais sejam violados, por isso adverte, aterroriza ou mata os desavisados. No seguimento desta linha, Ramos recorda que:

No universo da literatura infantil tradicional, a simbologia do monstro representava as dificuldades e os obstáculos colocados no percurso de sucesso do herói. Era frequente o monstro ser o guardião de um tesouro ou de uma passagem e a afirmação

da heroicidade do protagonista passava obrigatoriamente pela luta e derrota do monstro (Ramos, 2008, p. 6).

Contudo, na literatura infantil atual, a estudiosa assegura que frequentemente assiste-se à desconstrução destas ideias feitas sobre a representação do monstro. Nesse sentido, a literatura de autoria indígena destinada a crianças e jovens é um excelente exemplo do que diz Ramos (2008). Em *As makukáwas*, pode-se notar, por exemplo, que Yaguarê Yamã subverte a conotação negativa do monstro, mostrando-o como símbolo defensor dos animais e florestas, levando a mulher e o caçador maraguá a repensarem o seu próprio comportamento diante da natureza. Como pode-se verificar no desfecho da narrativa: “No outro dia, o casal abandonou a casa e foi morar bem longe. Nunca mais o homem matou além do que necessitava para saciar a fome, e a mulher não chamou mais quem não conhecia (Yamã, 2012, p. 25).”

Nessa direção, Krüger (2011, p. 36) diz que a coesão que o mito expressa pode ser sintetizada na dicotomia transgressão e punição, em que a prática da primeira leva, inevitavelmente, ao surgimento da segunda. É o que ocorre, por exemplo, em outra narrativa recontada por Yaguarê Yamã intitulada *Yaguarãbóia: a mulher onça*. Logo no início da história, tem-se o seguinte conselho fruto das leis e costumes do povo Maraguá: “[...] não é aconselhado morarem afastados de tudo e de todos, pois, segundo os malylis, casas distantes atraem a malignidade das entidades e monstros da floresta (Yamã, 2013, p. 1).”

No entanto, um casal maraguá praticou a transgressão e foram morar longe, na floresta, às margens de um igarapé chamado Mereré. Essa desobediência acarretou sérias consequências para os dois, principalmente para a mulher, que ao transgredir ainda outro costume de sua etnia, passa a se transformar, como punição, em uma criatura metade onça e metade cobra, dando origem a um dos seres visajentos que aterroriza a comunidade Maraguá da região do rio Abacaxis.

O texto explica da seguinte maneira esta situação: um dia, o homem maraguá foi caçar, mas não conseguiu trazer nada para o almoço a não ser uma onça morta. Entretanto, eles não podiam comê-la, pois de acordo com a ordem social do povo Maraguá é proibido se alimentar desse animal. Sabendo disso, o caçador disse que iria apenas tirar os dentes do felino para fazer colar e, em seguida, iria se desfazer da carcaça e voltar a caçar. A mulher, porém, não suportando a fome, transgrediu mais essa lei:

A mulher chegou bem perto, olhou aquela carne vermelha e, com fome, passou desejá-la. Depois de tirar os dentes, o homem carregou o cadáver da onça para um lugar distante e o jogou. Dentro da casa, a mulher, que observava, lamentou ver o marido se desfazer de grande quantidade de carne vermelha. Por isso pensou: “Mesmo sendo

proibido aos Maraguá comer carne de onça, acho que irei tirar um pedaço para comer e saciar minha fome” (Yamã, 2013, p. 5).

Desta maneira, a punição não pôde deixar de ser aplicada, como enfatiza o excerto: “ao aproximar-se da mata, sentiu uma transformação no seu corpo: suas unhas começaram a crescer e aos poucos ela se transformou num terrível animal comedor de onça” (Yamã, 2013, p. 9). De acordo com o entendimento de Krüger (2011, p. 37) sobre os aspectos de narrativas míticas como essa, “mesmo trazendo benefícios à coletividade, toda desobediência deve ser punida”.

Nesse sentido, por conta da transgressão da mulher, que mesmo que tenha sido por um bom motivo – saciar sua fome – a punição é inevitável e, por consequência, se ramifica a todos os habitantes da comunidade, que passam a temer serem devorados pela criatura híbrida e monstruosa: “Na situação em que ela estava, bastou o malyli falar uma vez que o povo passou a temê-la, e nunca mais ninguém ousou se aproximar dela nem morar nas cercanias (Yamã, 2013, p. 11)”. Assim, diz a narrativa, que essa é a história da origem da assombrosa Yaguarãbóia, a mulher onça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo dos animais na literatura infantojuvenil indígena de assombração fica evidente no enfrentamento entre personagens humanos e não humanos em espaços sagrados como as florestas. As narrativas analisadas mostram que os povos originários possuem uma relação de respeito mútuo com a fauna e a flora, pois acreditam veemente que a linha divisória entre a transgressão e a punição é bastante tênue.

Através das histórias de assombração, medo e mistério os povos indígenas alertam sobre os desafios e perigos que a vida na floresta pode oferecer e também apresentam ao mundo a ancestralidade e espiritualidade de suas etnias. Assim, *As makukáwas* e *Yaguarãbóia: a mulher onça*, de Yaguarê Yamã não são narrativas apenas para assustar, mas para garantir a manutenção e sobrevivência da identidade e cultura dos povos da floresta que desde os tempos coloniais são estigmatizados no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês. **Ensaio sobre a literatura indígena contemporânea no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

- COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. São Paulo: Manole, 2010.
- COHEN, J. J. (Org.). **A cultura dos monstros**: sete teses. In: *Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteira*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.
- CORREIA, H. H. S. Seres humanos e não humanos: personagens maravilhosos/extraordinários. **Revista Abusões**, n. 08, v. 08, Rio de Janeiro, 2019, p. 09-35.
- COSTA, J. G. **Identidade e cultura amazônica em obras da literatura infantojuvenil**. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.
- GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia**: mito e literatura. 3. ed. Manaus: Valer, 2011.
- LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- LOVECRAFT, H. P. **O Horror sobrenatural na literatura**. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: S.A, 1987.
- OLIVEIRA, B. S. **Onde o bicho-papão se esconde**: o medo dos animais na literatura fantástica. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.
- RAMOS, A. M. **Os monstros e a literatura para a infância e juventude**. Lisboa: Casa da Leitura, 2008.
- ROAS, D. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014.
- SICSÚ, Delma Pacheco. **Contos e encantos na literatura infantojuvenil amazonense**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.
- SIMÕES, L. B. T. **Literatura infantojuvenil**: compondo um panorama da produção amazonense. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Departamento de Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2013.
- SOSA, J. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.
- YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Yaguarãboia**: a mulher-onça. São Paulo: LeYa, 2013.

Recebido em: 06/12/2023

Aprovado em: 10/03/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_20